

BALA DE PRATA

Nº 2

Esferas Noopolíticas na Análise de Conjuntura

Luis Fernando Ayerbe



2022

Autor

Luis Fernando Ayerbe

Capa

A imagem da capa pertence a série "Superhero Origins: The Lone Ranger"
e foi editada para esta publicação.

Diagramação

Gianfrancesco Afonso Cervelin

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	3
EM BUSCA DA BALA DE PRATA. O ACONTECIMENTO.....	5
ENTRE O IMPREVISÍVEL E O IMPONDERÁVEL..	8
RADICALIZAÇÃO (NOO)POLÍTICA.....	16
CONJUNTURA E ESTRUTURA.....	32
BIBLIOGRAFIA.....	35

APRESENTAÇÃO

Bala de Prata Nº2 é parte de uma série de Documentos de Trabalho da pesquisa “A mente e o corpo como territorialidades estratégicas”. (<https://luisfernandoayerbe.site/noopolitica/>).

O objetivo é analisar concepções e posturas que territorializam a mente e o corpo em domínio estratégico de mudanças civilizatórias, interconectando dimensões individuais, locais, nacionais, globais, planetárias e cósmicas.

Seja em situações de convivência ou de conflito nas relações humanas, vislumbra-se um mosaico de abordagens ancoradas em lógicas de poder, segurança nacional e internacional, política, espiritualidade, em diálogo com o campo científico, demandando abertura para perspectivas holísticas de compreensão e interlocução.

A base estrutural de referência é o processo recente de aceleração globalista, agente catalizador de transformações tecnológicas, cognitivas e socioeconômicas que alavancam um crescente protagonismo das redes comunicacionais da era digital. Como parte dessa dinâmica, adquire centralidade analítica o significado e o alcance da imaterialidade como esfera da política.

Áreas temáticas

- Culturalismo e mentalização estratégica. Racionalidades meios-fins e Cisne Negro na formação de agentes políticos, corporativos, sociais, religiosos, de segurança e inteligência.
- Noosfera. (In) conscientes coletivos sob o prisma do poder, da segurança e da espiritualidade.
- O cérebro como campo de batalha. Guerras cognitivas.
- Estrutura e conjuntura em perspectiva noopolítica.
- Transhumanismo. A mente e o corpo como territórios sem fronteiras.
- Dimensões/Metaverso. Transcendendo o mundo material?

EM BUSCA DA BALA DE PRATA. O ACONTECIMENTO

Em Bala de Prata Nº1, o ponto de partida na introdução da noção de noopolítica foi a contraposição com um movimento de *realpolitik*, a invasão da Ucrânia, iniciativa do governo russo dirigida a gerar um limiar entre a ordem sob a hegemonia dos Estados Unidos (EUA) e uma nova configuração em perspectiva multipolar.

Ação de conjuntura, o ataque militar, buscando efeitos de estrutura, implosão de um ordenamento internacional.

Em Bala de Prata Nº2, amplia-se a abrangência empírica de situações de limiar, com a apresentação de eventos planejados ou inesperados envolvendo Estados, redes, organizações, movimentos sociais e indivíduos: intervenções militares, atentados, rebeliões, crises financeiras, ambientais e sanitárias.

O marco analítico é a *conjuntura*, compreendida como espaço temporal de interação entre *acontecimentos* e atores, cuja apreensão contextual correlaciona-se com continuidades e mudanças de *estrutura* referenciadas em determinado devir histórico. No interior dessa dinâmica, a dimensão noopolítica considera eventos de origem cognitivo, expres-

são da interdependência de cérebros conectados em redes informacionais.

De acordo com Slavov Zizek, o acontecimento corresponde à “aparição inesperada de algo novo que debilita qualquer desenho estável” (2014, p.18), em que a atribuição de significado por parte de determinados protagonistas estabelece um marco de periodização, um antes e um depois em que “não só as coisas mudam: o que muda é o próprio parâmetro pelo qual medimos os fatos de mudança” (Zizek, 2014, p.155).

Em termos de impacto, François Dosse considera “impossível separar artificialmente o que é um *acontecimento* de seus suportes de produção e difusão (...) ligado ao fato que a informação contemporânea aproxima consideravelmente o acontecimento das massas que tomam conhecimento do mesmo e têm a impressão de participarem dele” (2010, p. 260).

Dosse visualiza uma temporalidade indeterminada: “o acontecimento nunca está realmente classificado nos arquivos do passado; ele pode voltar como espectro para assombrar a cena do presente e hipotecar o futuro” (2010, p. 266).

Para Claude Romano, o significado do *acontecimento* é inacessível “na claridade de um horizonte de sentido prévio, senão naquilo que traz em si e aporta consigo possíveis interpretativos a partir dos quais somente poderá ser compreendido – de maneira necessariamente retrospectiva –” (2008).

Os significados atribuídos ao *acontecimento* por Zizek, Dosse e Romano, encontram paralelo com a noção de

Cisne Negro de Nassim Taleb. Sua referência é o momento, no final do século XVII, em que uma ave dessas características foi avistada no território que depois se denominou Austrália, sendo que até então se acreditava que os cisnes eram apenas brancos. Além da surpresa e do impacto, explicita-se nesse evento “uma limitação severa no aprendizado por meio de observações ou experiências e a fragilidade de nosso conhecimento. Uma única observação pode invalidar uma afirmação originada pela existência de milhões de cisnes brancos. Tudo o que se precisa é de um único pássaro negro” (Taleb, 2012, p.15).

De acordo com Taleb, três características definem um Cisne Negro: 1) a improbabilidade, dado que a experiência passada conduz a avaliações baseadas no conhecido, mas não prepara para o que é ignorado, fora do cálculo de possibilidades; 2) o alto impacto; 3) a tendência a elaborar explicações que assumem sua previsibilidade apenas após a ocorrência.

Lobos Solitários auto imbuídos de uma missão, ou atores estabelecidos com visão estratégica, idealizam e executam ações direcionadas a provocar *acontecimentos*. Lógica de Bala de Prata, disparo imaginado como golpe definitivo em inimigo imune às munições conhecidas, abrindo um limiar entre o velho e o novo.

ENTRE O IMPREVISÍVEL E O IMPONDERÁVEL

A surpresa causada por evento inesperado, ou as consequências não previstas de ato planejado, tornam o imponderável desafio inevitável da análise de conjuntura.

No dia 1 de janeiro de 1994, coincidindo com a entrada em vigor do NAFTA (Acordo de Livre Comércio da América do Norte) assinado por EUA, Canadá e México, torna-se público um manifesto do até então desconhecido Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), que desde o Estado de Chiapas declara guerra ao governo mexicano.

A grande projeção de um movimento de raízes indígenas, localizado em região marginal do México, se beneficiou em boa parte do ativismo global de redes de Organizações Não Governamentais (ONG's). A partir do final do século XX, diversos eventos irão aprofundar esse processo de emergência e empoderamento de novos atores.

Em novembro de 1999, a reunião da OMC (Organização Mundial do Comércio) de lançamento da Rodada de Negociações do Milênio para a liberalização comercial é inviabilizada pela “batalha de Seattle”, protesto impulsionado por ONG's, sindicatos e movimentos sociais de vários países do mundo.

Em 11 de setembro de 2001, atentados em Washington e Nova York perpetrados pela rede Al Qaeda provocaram mais de 3000 mortes, elevando o terrorismo ao centro da agenda internacional do então presidente estadunidense George W. Bush. Exceto no âmbito da organização responsável pela ação, o evento teve características de Cisne Negro: surpresa, alto impacto, cuja possível previsão é estabelecida por encadeamento de informações de inteligência recuperadas a posteriori, dotado de significado como marco de periodização por atores relevantes.

Em 18 de dezembro de 2010, Mohamed Bouazizi, jovem tunisiano desempregado, que ajudava no sustento da família vendendo frutas e verduras na rua, ateou fogo em si mesmo, *morrendo em consequência dos ferimentos em 5 de janeiro de 2011*. Segundo relatos de testemunhas, além de humilhado publicamente por fiscais do governo, sua balança foi confiscada e a mercadoria jogada fora, sob o argumento de que não tinha autorização. Após recorrer à administração local para que revisse sua situação e receber resposta negativa, cometeu a *autoimolação*. A condição social pré-existente o predispunha ao descontentamento, mas o aviltamento a que foi submetido ultrapassou um limiar na sua subjetividade, gerando o sentimento do insuportável que culmina na decisão de tirar a própria vida.

Embora uma ação individual, não articulada com qualquer estratégia política, as consequências do ato de Mohamed Bouazizi adquirem predominância nas análises de conjuntura sobre eventos desencadeadores do processo conhecido como Primavera Árabe. A súbita escalada de protestos populares derruba em poucas semanas o regime

de Ben Ali, no poder na Tunísia desde 1987, que foge para a Arábia Saudita em 14 de janeiro de 2011, e se espalham para o Egito, levando em 11 de fevereiro à renúncia do presidente Hosni Mubarak, no poder desde 1981. A onda de mobilizações passa a ameaçar um *establishment* regional que parecia consolidado, especialmente na Líbia e na Síria, em que a radicalidade dos enfrentamentos adquire o status de guerra civil. No primeiro caso, Muammar al-Gaddafi é derrubado e morto em 20 de outubro de 2011, no segundo, Bashar-al-Assad consegue manter o poder central mesmo disputando o controle em parte importante do território. Além da ampliação da catástrofe humanitária, a evolução na Síria traz a um primeiro plano enfrentamentos étnicos e religiosos que impactam diretamente na internacionalização do conflito, com o apoio dos EUA a setores da oposição e o envolvimento de Rússia e Irã na sustentação do governo.

O acirramento de sectarismos no mundo muçulmano entre xiismo e sunismo, adquire mudança qualitativa em 2014 a partir da projeção do Estado Islâmico, quando formaliza seu domínio em parte do território do Iraque e da Síria com a criação de um Califado.

Inspirados na Primavera Árabe, adquirem notoriedade nos EUA e na Europa movimentos como Indignados e Occupy Wall Street (OWS), em resposta à crise financeira de 2008, cujo disparador visível é a quebra do banco Lehman Brothers. O primeiro surge em 15 de maio de 2011 a partir de manifestações em diversas cidades espanholas com uma agenda vinculando a crise econômica internacional, seus reflexos no país e o questionamento da

representatividade dos partidos políticos tradicionais, fundamentalmente o conservador Partido Popular e o social-democrata Partido Socialista Operário Espanhol, sintetizado no slogan Democracia Real Já!

OWS tem início em setembro de 2011, estabelecendo a ocupação permanente de Wall Street, coração financeiro de Nova York, assumindo estratégia de ação direta que evita apontar lideranças e delimitar filiações político-ideológicas, em que busca-se chamar a atenção não apenas para a situação do momento, mas para a desigualdade na distribuição da riqueza instalada no país, sintetizada no slogan “nós somos o 99%”. Essa caracterização inclui no 1% os setores do sistema financeiro que, tendo sido parte responsável pela crise, são contemplados imediatamente pelo governo Bush com pacote de resgate de 800 bilhões de dólares oriundos de fundos públicos.

Em novembro de 2016, Donald Trump é eleito presidente dos EUA pelo Partido Republicano. Sua candidatura foi inicialmente subestimada como expressão do voluntarismo de empresário narcisista e com discurso anti-establishment movido menos por convicção que por oportunismo. O favoritismo atribuído à Democrata Hillary Clinton por parte de pesquisas e analistas, fortalecido com apoio majoritário de formadores de opinião do âmbito empresarial, sindical, artístico e meios de comunicação, durou até a abertura das urnas, quando o escrutínio de votos passou a mostrar vantagem contínua do seu rival na conquista de delegados para o colégio eleitoral que o sacramentou como presidente.

Trump termina se impondo como catalizador de mal-estar entre amplos setores do eleitorado com a degradação das suas condições de vida nas últimas décadas. A chamada Direita Alternativa (Alt-right), uma das suas principais bases de apoio ideológico, contribui para situar a chegada à presidência como parte de uma tendência já presente na Europa em agendas etno-nacionalistas de renascimento do Estado-nação, anti-globalização e anti-imigrante.

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde anuncia que o Coronavírus atingiu o grau de pandemia. Para além dos aspectos sanitários, as exigências de isolamento generalizado como parte do combate ao Covid-19, pressionam a economia e afetam interesses. Diferentemente da crise financeira de 2008, há o reconhecimento dos Estados, dos organismos financeiros multilaterais e de elites orgânicas do globalismo de mercado da necessidade e urgência mecanismos de ajuda emergencial. Desta vez não é administrável deixar as populações à deriva, fechadas em casa e sem renda, sob o risco de explosão social frente a um Estado e um sistema econômico pressionados a derivar recursos para a gestão da pandemia.

Assim o interpretou o Fórum Econômico Mundial (FEM). Historicamente considerado expressão das elites orgânicas do capital global e da agenda de liberalização dos mercados, no encontro de 2020, sob a consigna “Covid-19: O grande reinício”, a pandemia é apresentada como aceleração de tendências globais antecipadas pela crise financeira de 2008 (Ayerbe, 2019), expondo fragilidades econômicas, sociais, políticas e ambientais associadas

à “doutrina neoliberal” e “seu ‘fetichismo de mercado’ à qual “a COVID-19 deu o golpe de misericórdia” (Schwab e Malleret, 2020).

Apesar da diversidade de motivações e contextos, as situações apresentadas têm em comum o impacto avassalador do *acontecimento*, colocando em questão capacidades de alerta e prevenção. Questionada pelo Comitê de Inteligência do Senado sobre o nível de informação que a Casa Branca detinha sobre a situação no Egito em 2011, a então vice-diretora da CIA, Stephanie O’ Sullivan, colocou em evidência as dificuldades para analisar uma conjuntura em que o equilíbrio se quebra pela precipitação de eventos que alteram radicalmente o cenário, ainda que se trate de organismos dotados de significativos recursos humanos e materiais: “Nós temos advertido sobre a instabilidade (...) Nós não sabíamos qual seria o mecanismo de disparo para isso” (Ryan, 2011).

Na Tunísia, o disparador foi a autoimolação de Mohamed Bouazizi. Dificilmente sistemas de diagnóstico de risco político adivinhariam o impacto de decisão individual dessa natureza. Mark Abdollahian, executivo do Sentia Group, empresa privada que dá consultoria ao governo dos EUA sobre previsão comportamental de indivíduos e grupos, concorda com as deficiências na detecção antecipada das crises que levaram à Primavera Árabe, reconhecendo que “todos os nossos modelos são ruins, alguns são menos ruins do que os outros (...) Nós fazemos melhor que os cálculos humanos, mas não muito (...) Mas pense nisto como Las Vegas. No Black Jack, se você pode

fazer quatro por cento melhor do que a média, você está ganhando dinheiro real” (Shachtman, 2011).

A analogia de Abdollahian com o Black Jack é questionada por Nassim Taleb, que descreve da possibilidade de calcular, mesmo com 4% de margem, a “aleatoriedade da política e da economia” (2013, p.175).

Em retrospectiva, o governo Obama passou a atribuir a ausência de alerta na Tunísia e no Egito a falhas dos serviços de inteligência, surpreendidos por eventos que colocaram em evidência a fragilidade do status quo nesses países. Para Taleb, essa perspectiva confunde “os catalisadores com as causas e supõe que podemos saber que catalizador produzirá qual efeito” (2013, p.174), levando a respostas que considera fadadas ao fracasso, como destinar crescentes fundos para sistemas de previsão de crises. Isso também vale para a crença de que teria sido possível antecipar a crise econômica internacional deflagrada em 2008, caso fosse adequadamente dimensionada a insustentabilidade do nível de endividamento de empresas e famílias com relação à economia real. Tratar-se-ia de catalisadores e sintomas, não de causas. Diante da impossibilidade de antecipar Cisnes Negros, Taleb recomenda limitar a exposição aos seus impactos identificando e reduzindo fragilidades (2013).

O aparecimento do Coronavírus gerou debates sobre sua caracterização ou não como Cisne Negro. Taleb descartou essa identificação enfatizando a ausência de um elemento fundamental: a improbabilidade, dado que há inúmeros precedentes históricos de epidemias, implicando em aprendizado que favorece a preparação para

novas situações. Para ele, quando se manifestaram casos de Covid-19 na China em janeiro de 2020, sua projeção a escala global era previsível. Num mundo interconectado e de crescente mobilidade de pessoas e mercadorias, o potencial de antigos e novos vírus atingirem proporções pandêmicas é altamente provável (Avishai, 2020).

Mesmo havendo a possibilidade de previsão e uma melhor preparação por parte de Estados e organizações para lidar com situações como a do Coronavírus, paira o espectro da imprevisibilidade das consequências. O impacto subjetivo do *acontecimento*, derivando em respostas individuais e coletivas, é frequentemente influenciado por guerras cognitivas pautadas em narrativas de informação e contrainformação.

RADICALIZAÇÃO (NOO)POLÍTICA

Nas seções anteriores, estabeleceu-se uma caracterização de eventos cujo caráter repentino e impactante instituem na análise de conjuntura o peso da incerteza. Nesta seção, incorpora-se como referência o campo das subjetividades, a partir de processos de radicalização capazes de conduzir a atos de violência extrema.

A despeito da grande diversidade de estudos existentes, não diferem, no essencial, as principais perguntas que orientam o caminho do desvendamento de dinâmicas estruturais e psicológicas que influenciam comportamentos no plano individual: Quais as mudanças que se operam fora da esfera de poder decisório de quem se revolta, e que afetam negativamente sua vida cotidiana? Quais as mudanças de percepção em relação à realidade, levando ao inconformismo com a sua continuidade?

Nos anos 1990, Jean-Baptiste Duroselle (1998) tratou da relação entre mudanças objetivas e subjetivas na sua análise histórica do ocaso dos impérios. No campo das resistências à dominação imperial, situa a constante reaparição do sentimento do “insuportável”, que favorece a aceitação da possibilidade da morte como componente da luta contra a opressão. Para Duroselle, a tomada de consciên-

cia do insuportável poderia ser desencadeada por diversos motivos, entre os quais destaca a degradação de uma situação econômica, decorrente de alterações que afetam diretamente o modo de vida, como a rápida deterioração das condições de trabalho; evolução do sistema de valores, pelo surgimento de uma consciência de opressão face a uma situação anteriormente percebida como componente inevitável da existência; maturação de um fenômeno demográfico, provocando reações contra a presença de “estrangeiros”, associados a outras etnias, raças ou nacionalidades; ação do estrangeiro contra uma comunidade pacífica, gerando resistência contra invasores do território.

Abordando os atentados de 13 de novembro de 2015 em Paris reivindicados pelo Estado Islâmico, que contabilizaram mais de 180 pessoas mortas e 350 feridas, Alain Badiou (2016) situa na estrutura do capitalismo contemporâneo um mal de origem. A inteligibilidade das ações humanas em eventos dessa natureza se insinua nas correspondências entre estruturas socioeconômicas e superestruturas identitárias.

O 1% da população mundial possui o 46% dos recursos disponíveis (...) O 10% da população mundial possui o 86% dos recursos disponíveis. O 50% não possui nada (...) O 10% da população corresponde, mais ou menos, ao que era a nobreza no Antigo Regime (...) Temos então uma oligarquia de 10% e, depois uma massa de despossuídos de mais ou menos a metade da população mundial (...) Fica um 40%, que é a classe média e a que se reparte, penosamente, 14% dos recursos mundiais. (Badiou, 2016, p. 46).

Em consonância com essa estrutura, Badiou situa três subjetividades reativas: ocidental, de desejo do Ocidente, e niilista. A ocidental, que corresponde à classe média, combina a autossatisfação pelo lugar ocupado no mundo com o medo de perdê-lo frente a pressões distributivas oriundas dos estratos excluídos. A segunda subjetividade consiste no “desejo de possuir, de compartilhar, isso que é representado e é por toda parte ponderado como a abundância ocidental” (op. Cit. p. 63), que tem como exemplo destacado de expressão os fluxos migratórios para Europa e EUA. A niilista corresponde a “um desejo de revanche e de destruição claramente associado com o desejo de partir e de imitação alienada” (op. Cit., p. 64), inspirador de eventos como o de Paris, com características que o situam no campo dos fascismos modernos:

É intracapitalista, pois não propõe outra estrutura do mundo. Se instala no mercado mundial, de fato, na medida em que recrimina ao capitalismo não estar cumprindo as promessas que faz. Ao se fascicizar, o decepcionado do desejo de Ocidente se torna inimigo do Ocidente (...) Enquanto a sua forma, (trata-se) de uma pulsão de morte articulada em linguagem identitária. A religião é um ingrediente possível dessa articulação: o catolicismo o foi para o fascismo espanhol durante a Guerra Civil, o islã o é atualmente no Oriente Médio. (Badiou, 2016, p. 67).

Embora não trate especificamente do terrorismo, Axel Honneth aponta elementos interpretativos esclarecedores para o tema em discussão. Assim como Badiou, situa-se no campo analítico que vincula os efeitos da estrutura econô-

mica na base de referência das dinâmicas sociais, mas relativiza o peso do utilitarismo na explicação de mecanismos desencadeadores de revolta contra as desigualdades e exclusões na esfera da vida material.

Sem questionar as bases argumentativas da lógica dos interesses, em que a racionalidade meios-fins estabelece parâmetros de referência para a organização de fluxos de descontentamento constitutivos de movimentos sociais, aponta para a necessidade de complementação do modelo utilitarista pela incorporação da perspectiva associada à luta por reconhecimento.

Os motivos da resistência social e da rebelião se formam no quadro de experiências morais que procedem da infração de expectativas de reconhecimento profundamente arraigadas. Tais expectativas estão ligadas na psique às condições de formação da identidade pessoal; (...) se essas expectativas normativas são desapontadas pela sociedade, isso desencadeia exatamente o tipo de experiência moral que se expressa no sentimento de desrespeito. Sentimentos de lesão dessa espécie só podem tornar-se a base motivacional de resistência coletiva quando o sujeito é capaz de articulá-los num quadro de interpretação intersubjetivo que os comprova como típicos de um grupo inteiro. (Honneth, 2009, p. 258).

Em termos de especificidade interpretativa, maiores níveis de revolta não são necessariamente a expressão dos maiores níveis de pobreza e exclusão, mas do sentimento de desrespeito de identidades reconhecidas como essenciais na inserção social dos sujeitos. Honneth remete aqui a

Edward Thompson: “o que é considerado um estado insuportável de subsistência econômica se mede sempre pelas expectativas morais que os atingidos expõem consensualmente à organização da coletividade” (op. Cit, p. 263).

Aprofundando a dimensão identitária como resposta/refúgio de indivíduos e grupos frente ao ambiente circundante opressivo, David Le Breton traz para a análise do jihadismo sua abordagem do “desaparecer de si”, comportamento associado a “estratagemas dos nossos contemporâneos para deslizar-se da malha do tecido social e renascer em outro lugar, com outra versão de si mesmo, ou bem apagar-se na discricção, a solidão, a ausência” (Le Breton, 2017a, p. 186).

Diferentemente da luta por reconhecimento enfatizada por Honneth, trata-se para Le Breton da rejeição desse reconhecimento através da Brancura, denominação que estabelece para um mecanismo de suspensão do “mundo de maneira provisional ou duradoura, (...) uma posição de espera quando o indivíduo busca ainda seu lugar no mundo e este não cessa de esquivá-lo” (2017a, p. 187). Nesse processo, torna-se uma espécie de página em branco, pelo desaparecer de personagem atribuído desde um exterior expressivo do espírito dominante da época, seja através da família, da escola, da sociedade, o trabalho, para posteriormente renascer com outra versão de si mesmo.

Le Breton situa exemplos de desaparecimento de si em formas de desaparego originárias por opções conscientes de recolhimento, ou por efeitos depressivos frente a trauma existencial, ou fugas através de atividade exacerbada, ou de condutas de risco envolvendo principalmente jovens, seja

pela transformação do corpo em espaço de experimentação (prática de esportes radicais, ingestão sistemática de substâncias químicas, tatuagens), ou pela adesão a extremismos, exemplificado no crescimento do jihadismo na Europa.

O jihadismo é uma resposta trágica e niilista à questão do significado e valor de sua existência, para homens jovens que se sentem em falsa simetria com o mundo, em fracasso pessoal ou numa carência espiritual. O jovem radicalizado não tem o sentimento que dá força para viver; sua fragilidade se dissolve na potência real ou fantasmática de seu grupo de escolha e na convicção de estar sob o olhar de Deus. O Islamismo radical é uma das propostas à lá carte para jovens sem perspectivas. Apaga dúvidas, ambiguidades e, através desse rigor sem falhas, o adepto recebe as respostas que faltam em sua existência. É uma resposta totalizante e totalitária à profusão de significados e valores em nossas sociedades, à possibilidade de discutir porque o indivíduo apenas decide sua existência e não o grupo ou Deus. (...) Tornou-se um modelo de contágio social porque responde brutalmente a expectativas não atendidas. (Le Breton, 2017b).

No campo dos estudos aplicados a políticas de Estado e de organizações internacionais de prevenção e combate ao terrorismo, não mudam os lineamentos essenciais dos autores anteriores associando mudanças estruturais e na subjetividade, com impacto na conjuntura através da ação ativista. Há no entanto uma delimitação terminológica buscando estabelecer padrões de interlocução no interior de um campo comum de referência analítica e operacional.

Nessa perspectiva, incorporam-se as noções de radicalização e de extremismo violento como parte do processo que pode levar ao terrorismo. Essa ampliação denominacional, estabelecida nos EUA a partir da presidência de George W. Bush, implica em abordagens que colocam em plano específico a dimensão individual, buscando delimitar a ação das redes organizadas e o fenômeno em ascensão de “lobos solitários” que perpetram atentados em seu nome ou invocando narrativas conspiratórias. O objetivo é compreender fatores sociais, econômicos e psicológicos que intervêm no processo de radicalização, permitindo antecipar o extremismo violento e auxiliar na elaboração de programas nacionais, regionais e internacionais de “desradicalização”.

A concepção oficial estadunidense sobre inteligência, terrorismo, extremismo violento e radicalização é uma referência a destacar, dada sua influência como fonte de agências estatais e multilaterais, assim como de programas de cooperação com centros privados de pesquisa.

De acordo com a Agência Central de Inteligência (CIA), sua missão é “Prever ameaças e outros objetivos de segurança nacional dos EUA através da coleta de informações importantes, produzindo análises objetivas de todas as fontes, conduzindo ações secretas efetivas, conforme indicado pelo Presidente, e salvaguardando os segredos que ajudam a manter nossa Nação segura” (CIA, 2017). Trata-se, explicitamente, de três dimensões articuladas: inteligência como coleta e produção de informação, a serviço do processo de tomada de decisões do Estado para agir, de forma aberta ou encoberta, em defesa da segurança nacional.

De acordo com o Departamento de Estado, considera-se terrorismo a “violência premeditada, politicamente motivada, perpetrada contra alvos não combatentes por grupos subnacionais ou agentes clandestinos, normalmente destinados a influenciar uma audiência”. O termo “terrorismo internacional” significa o terrorismo que envolve cidadãos ou o território de mais de um país. O termo “grupo terrorista” significa qualquer grupo que pratica, ou que tem subgrupos significativos que praticam o terrorismo internacional. O termo não combatente “é interpretado como significando, além de civis, pessoal militar (armado ou em serviço) que não estão estabelecidos em zona de guerra ou em uma configuração semelhante a uma guerra” (U.S.D.S., 2017, p. 446).

De acordo com a Agência para o Desenvolvimento Internacional (USAID), vinculada ao Departamento de Estado:

Extremismo violento refere-se à defesa, envolvimento, preparação ou apoio à violência ideologicamente motivada para promover objetivos sociais, econômicos, políticos ou religiosos (...) A radicalização é um processo pelo qual uma pessoa ou grupo adota ideias ou crenças extremas e passa a ver a violência como um meio justificado para promovê-las. Enquanto a maioria das pessoas que adotam visões radicais nunca usarão violência, aquelas que o fazem frequentemente adotam ideologias que racionalizam suas ações. (2020, p. 5).

No combate do extremismo violento e da radicalização, são estabelecidas pautas dirigidas fundamentalmente

à antecipação e interrupção, incluindo o investimento em processos de desradicalização. Isto “abrange políticas e atividades para aumentar as opções pacíficas de engajamento político, econômico e social disponíveis para comunidades e governos locais, e suas habilidades para agir sobre elas” (Usaid, 2020, p. 5).

A radicalização comporta para a Usaid duas modalidades:

A radicalização ideológica (ou cognitiva) pode ser definida como o processo pelo qual os indivíduos passam a acreditar que é aceitável, legítimo ou mesmo necessário usar a violência para promover uma causa ou agenda específica baseada em uma reordenação abrangente da ordem existente. Em contraste, a radicalização comportamental pode se referir ao processo pelo qual os indivíduos passam a apoiar ou se engajar em organizações ou atividades de Extremismo Violento, seja perpetrando a violência ou tornando-se facilitadores significativos dela. (2016, p. 9).

Partindo dessa caracterização, Matteo Vergani, Muhammad Iqbal, Ekin Ilbahar e Greg Barton (2018) estabelecem as categorias cognitiva e comportamental como base para a elaboração de indicadores de radicalização, considerando três fatores: 1) pressão, que se concentram principalmente em “explicações estruturais, políticas e sociológicas”, 2) atração, envolvendo “explicações socio-cognitivas em nível de grupo”, 3) pessoais, “preocupados principalmente com explicações psicológicas e biográficas individuais e pessoais”. Entre os exemplos mais frequentes, destacam:

- Fatores de pressão: “injustiça, desigualdade, marginalização, ressentimento, exclusão social, frustração, vitimização, estigmatização”. (2018).
- Fatores de atração: “consumo de propaganda extremista, (...) a pressão dos pares, a formação de laços fortes com pessoas afins, a satisfação das necessidades de pertença e identidade e a identificação total do indivíduo com o grupo, a influência da família e laços de parentesco, (...) líderes e recrutadores carismáticos, (...) recompensas materiais e emocionais”. (2018).
- Fatores individuais: “transtorno psicológico, doença mental e perturbação, (...) depressão, baixa autoestima, alienação pessoal, isolamento, falta de amigos, solidão e desajuste, (...) personalidade narcisista, baixa tolerância à ambiguidade, alta incerteza pessoal, tipo de pensamento em preto e branco, impulsividade”. (2018).

Em 24 de dezembro de 2015, o Secretário Geral da ONU dá a conhecer um Plano de Ação para Prevenção do Extremismo Violento. Mesmo destacando que o fenômeno “Não é novo nem exclusivo de nenhuma região, nacionalidade ou sistema de crenças. No entanto, nos últimos anos, grupos terroristas como o Estado Islâmico no Iraque e no Levante (ISIL), Al-Qaeda e Boko Haram moldaram nossa imagem de extremismo violento e o debate sobre como lidar com essa ameaça” (ONU, 2015).

A ênfase na prevenção busca avançar com relação ao enfoque de segurança no combate ao terrorismo, introduzindo abordagens dirigidas a identificar e intervir nas causas que levam à radicalização. Isso inclui “as condições que

fomentam o extremismo violento e o contexto estrutural de onde ele emerge; e fatores de atração ou motivações e processos individuais”.

- Fatores estruturais: Falta de oportunidades socioeconômicas. Marginalização e discriminação. Má governança, violações dos direitos humanos e do Estado de direito. Conflitos prolongados e não resolvidos. Radicalização nas prisões.
- Processos individuais: experimentar o presenciar torturas, a morte de um familiar ou amigo pelas mãos das forças de segurança ou de uma potência estrangeira, julgamentos injustos, perda de bens, humilhação de um progenitor e até a recusa de empréstimo pessoal.

Se bem o Plano de Ação comporta uma abrangência internacional, é no plano nacional que se identifica o principal foco da prevenção, a partir de abordagens pautadas em:

Diálogo e prevenção de conflitos. Reforço da boa governança, os direitos humanos e o Estado de direito. Colaboração com as comunidades. Empoderamento da juventude. Igualdade de gênero e empoderamento das mulheres. Educação, desenvolvimento de habilidades e facilitação do emprego. Comunicação estratégica, Internet e mídias sociais. (ONU, 2015).

Conforme explicitado no Plano de Ação da ONU, as diferenciações entre terrorismo e violência extremista tiveram como objeto central a ameaça identificada no jihadismo. A partir da proliferação de atentados domésticos sob bandeiras xenófobas e racistas, muitas vezes pautadas no supremacismo branco, especialmente na Europa

e nos EUA, ampliou-se o foco. Nesse contexto, em junho de 2021, o presidente Joe Biden apresenta a Estratégia Nacional de Combate ao Terrorismo Doméstico.

Através de ideologias violentas, indivíduos e pequenos grupos – formais e informais – foram impulsionados por recentes eventos políticos e sociais nos Estados Unidos para realizar ataques violentos. Entre essa ampla gama de ideologias influenciadoras, extremistas violentos de motivação racial ou étnica (principalmente aqueles que promovem a superioridade da raça branca) e extremistas violentos de milícias são avaliados como apresentando as ameaças mais persistentes e letais. (NSC, 2021, p. 7).

Um exemplo de motivações associadas à supremacia branca é o atentado de 14 de maio de 2022 em supermercado em Buffalo, Estado de Nova York, quando um atirador de 18 anos matou 10 pessoas, invocando entre os argumentos a ameaça da “Grande Substituição”.

O fundamento central da Grande Substituição é a convicção de que ondas migratórias, menores taxas de natalidade entre os estratos brancos com relação aos demais, e misturas interracialis, estão corroendo a supremacia branca. De acordo com essa narrativa, elites globalistas estariam promovendo esse processo com o objetivo de conformar sociedades em que prevaleçam populações que consideram mais submissas na implementação da sua estratégia de dominação. Em oposição a essa conspiração multiculturalista, invoca-se um nativismo protetor de fundamentos civilizacionais ocidentais e cristãos (Perelló, 2022).

A referência intelectual mais recente dessa visão é o ensaio “A Grande Substituição”, publicado por Renaud Camus em 2011. No entanto, antecedentes similares prosperaram a partir do 11/09/2001, quando o terrorismo foi elevado pelos EUA a inimigo equivalente da ex-União Soviética.

Uma voz relevante dessa percepção foi Oriana Fallaci, jornalista e escritora italiana, falecida em 2006, que adquiriu notoriedade nos anos 1960 pela cobertura da intervenção dos EUA em Vietnã. No contexto da chamada “Guerra Global contra o Terrorismo”, expõe sem meias palavras seus medos conspiratórios.

Para Fallaci, o terrorismo suicida é parte de uma concepção de mundo que vê na morte um privilégio, e que longe de representar uma visão extremista de grupos minoritários, é componente essencial do Islã, que promove uma estratégia de dominação de longo prazo, combinando o terrorismo, a migração e a expansão demográfica. Citando dados da ONU, destaca que a taxa de crescimento anual das populações de origem muçulmana oscila entre 4,60 e 6,40 por cento, enquanto a de origem cristã é de 1,40 por cento. O maior impacto se dá nos países da Europa, grandes receptores de imigrantes do norte da África e do Oriente Médio.

Fallaci vê nessa expansão demográfica um dos componentes de guerra contra o ocidente, que além da violência física, incorpora a “guerra que se faz roubando um país dos seus cidadãos” (2004, p. 159). Isto se daria através das ações afirmativas que os líderes religiosos promovem em favor de direitos especiais que legalizem a prática de hábi-

tos culturais das suas comunidades, mesmo que se contraponham às leis do país anfitrião, especialmente aquelas que tratam da igualdade dos sexos, da monogamia e da formação religiosa nas escolas. Na promoção dessa agenda multicultural, estariam sendo beneficiados pelo apóio dos que defendem o relativismo e a autonomia de estilos de vida em nome do “Politicamente Correto”, que “negam sempre o mérito. Substituem sempre a qualidade pela quantidade. Mas é a qualidade a que move o mundo (...) O mundo avança graças aos poucos que têm qualidade, que valem, que rendem” (op. Cit., p. 241).

Embora considere que a estratégia expansionista do Islã não é nova, teria passado despercebida até o fim da Guerra Fria, quando a dicotomia capitalismo-comunismo deixou de monopolizar as atenções. Um exemplo para Fallaci seria o discurso proferido em 1974 pelo então presidente de Argélia, Houari Boumédiène, na Assembleia Geral das Nações Unidas, anunciando que “Um dia milhões de homens abandonarão o hemisfério sul para irromper no hemisfério norte. E não o farão precisamente como amigos. Porque irromperão para conquistá-lo. E o conquistarão povoando-o com seus filhos. Será o ventre das nossas mulheres o que nos dará a vitória” (op. Cit. 2004, p. 60).

Incutir o medo generalizado ao imponderável objetiva exacerbar no país, comunidade ou civilização declarados como alvo seu lado mais sombrio, colocando em suspensão fundamentos de convívio humano: império da desconfiança, do vigiar e punir, estado permanente de beligerância, incerteza.

A dinâmica radicalização-extremismo violento decorrente de supremacismos civilizacionais de fonte “Ocidental” ou “Oriental”, com narrativas conspiracionistas direcionadas a transcender exercícios de verificação contrapondo fatos e versões, impõe-se entre os desafios à análise de conjuntura.

No conjunto de abordagens apresentadas, para além da diversidade de pressupostos teóricos ou de posições institucionais, há um campo de convergências. Tratando-se de fenômeno que envolve, no desvendamento de motivações da radicalização em direção ao extremismo violento, complexidades cognitivas e comportamentais, a constatação da identidade como fator de mobilização é um aspecto em comum. Na interpretação das mutações e opressões que caracterizam o capitalismo contemporâneo, ou desvendamento de padrões sociológicos e psicológicos capazes de ativar uma consciência do insuportável, o diagnóstico e a aplicação incorporam a diversidade de posições: foco nas falências intrínsecas do sistema, ou na antecipação e tratamento de subjetividades em conflito com a ordem.

Na valorização do desrespeito de expectativas de inserção na sociedade, as falhas se situam basicamente em sistemas políticos impermeáveis a fluxos reivindicatórios de setores que terminam optando pela violência, enfatizando a dicotomia inclusão-exclusão como desafio. Também se trata de desvendar a gramática dos movimentos sociais, em trajeto de transformação da realidade em que se evidenciam tensões explicativas entre a lógica dos interesses e do reconhecimento.

Alain Badiou situa o terrorismo jihadista como subjetividade reativa marcada pelo ressentimento frente a desejos estimulados e ao mesmo tempo negados pelo Ocidente. Essa perspectiva não contradiz a visão das análises aplicadas a políticas de Estado e de organizações internacionais. No entanto, não se trata para Badiou de falhas na capacidade inclusiva das democracias e sociedades existentes, mas de limites inerentes ao capitalismo, que no decorrer da sua história enfrenta diferentes modalidades de resistência dos setores oprimidos.

No desvendamento de subjetividades que conduzem ao ativismo político, o fato de assumir uma identidade como sujeito que intervém nas múltiplas arenas da militância, violenta ou não, implica para Le Breton um processo de Brancura, um desaparecer de si para renascer em outra versão de si. Nas abordagens do Extremismo Violento, uma vez sistematizadas as variáveis de radicalização, considera-se plausível promover a “desradicalização”, na perspectiva de gerar outra versão de si, projetando alternativas comportamentais não-violentas para grupos e indivíduos.

CONJUNTURA E ESTRUTURA

O *acontecimento* situa-se no campo do improvável, mesmo em terrenos plenos de decisão humana como a política, a economia e a guerra. Ações levadas adiante por Estados ou organizações a partir de minuciosos cálculos estratégicos podem impactar em desdobramentos subestimados, complicando avaliações de sucesso ou fracasso a partir do planejamento inicial.

Desde uma perspectiva histórica, portanto dinâmica, a realidade está em processo contínuo de mudança. Demarcar o “conjuntural”, associado a temporalidades curtas e transformações aceleradas, do “estrutural”, de durações longas e mutações dilatadas, representa exercício analítico franqueado à subjetividade, acentuada quando se coligam variáveis como estabilidade/crise, também sujeitas a multiplicidade de interpretações.

Para Michel Dobry, a análise de processos de crise política se corresponde com o desvendamento de configurações de fatos que evidenciam uma diferenciação estrutural das sociedades. Trata-se de “conjunturas fluídas marcadas por descontinuidades que intervêm no fluxo ‘normal’ das rotinas ou das interações sociais” (2013, p.25). Também desde uma perspectiva sociológica, Julien Freund associa crise com

transição, espaço “entre um antigo estado de estabilidade relativa e a busca de um novo equilíbrio” (1995, p. 265).

No campo da abordagem institucionalista das relações internacionais, Giovanni Capoccia e Daniel Kelemen fazem menção a “conjunturas críticas”,

caracterizadas por uma situação em que as influências estruturais (isto é, econômicas, culturais, ideológicas, organizacionais) sobre a ação política são significativamente relaxadas por um período relativamente curto, com duas consequências principais: a gama de opções plausíveis abertas a poderosos atores políticos se expande substancialmente e as consequências das suas decisões para o desfecho de interesse são potencialmente muito mais importantes. Contingência, em outras palavras, torna-se primordial. (2007, p. 343).

Contingência, tempo curto e relaxamento de efeitos condicionantes de estrutura operam como brecha facilitadora de posicionamentos de atores com clareza de interesses: crise/oportunidade, transição para nova estabilidade.

Nos territórios da crise, seja da economia, dos conflitos violentos, genocídios, migrações, atentados, pandemias, o espectro do imponderável influencia parte importante das análises. Tratar-se-ia de situações de anomia, caos, irracionalidade?

Como apontam Norbert Elias e John Scotson, “não existe caos em sentido absoluto. Nenhum agrupamento humano, por mais desordenado e caótico que seja aos olhos daqueles que o compõem ou aos olhos dos observadores, é desprovido de estrutura” (2000, p.192).

Desequilíbrios deflagrados por evento aleatório, como o jovem tunisiano que se auto imolou; por ação de Lobo Solitário, como o atentado em Buffalo; ou por estratégia de organizações e Estados, como o 11/09/2001 e a invasão russa na Ucrânia, independentemente da duração e da proporção de custos humanos, materiais e ambientais, revelam conjunturas de transição para novo equilíbrio, expressão de atores e interesses com capacidade de transformar crise em oportunidade.

Cisnes Negros podem representar fator decisivo no desencadeamento de situações críticas, o que não significa que esferas subjetivas de decisão humana sejam impermeáveis à abordagem compreensiva. A atribuição de sentido ao impacto do *acontecimento* inclui o desvendamento de lógicas de poder, expectativas de reconhecimento e identidades reativas.

No estabelecimento de vínculos significativos entre equilíbrio e mudança, a dimensão subjetiva traz para a análise de conjuntura o território da noopolítica. A interpretação de processos cognitivos e desdobramentos comportamentais, seja derivada de motivações científicas ou operacionais, é o campo em que analistas e instituições explicitam os principais desafios.

A noopolítica situa no cérebro um campo de interconexão coletiva, seja como campo de batalha ou de cooperação. Trata-se, conforme abordado em Bala de Prata Nº1, de uma esfera abarcadora da mente, cuja energia é politicamente mobilizável, colocando em movimento atores com capacidade de operacionalizar suas agendas direcionando recursos econômicos, intelectuais e metafísicos.

Em Bala de Prata Nº3 avançaremos nessa análise, focando na mente e no corpo como dispositivos de passagem para esferas imateriais concebidas frequentemente como itinerários pós-humanos.

Bibliografia

- Avishai, Bernard 2020 The Pandemic Isn't a Black Swan but a Portent of a More Fragile Global System, *The New Yorker*, 21 de abril (<https://www.newyorker.com/news/daily-comment/the-pandemic-isnt-a-black-swan-but-a-portent-of-a-more-fragile-global-system>)
- Ayerbe, Luis Fernando 2019 *Tempos de Reinvenção. Ordens antigas na (des) ordem do mundo presente*. São Paulo: Editora Unesp.
- Badiou, Alain 2016 *Nuestro mal viene de más lejos*. Buenos Aires: Capital Intelectual.
- Capoccia, Giovanni; Kelemen, Daniel 2007 The Study of Critical Junctures: Theory, narrative, and counterfactuals in Historical Institutionalism. *World Politics*, v. 64, nº 2, abril.
- CIA (Central Intelligence Agency) 2017 CIA Vision, Mission, Ethos & Challenges, 26 de outubro (<https://www.cia.gov/about-cia/cia-vision-mission-values>)
- Dobry, Michel 2013 *Sociologia das crises políticas*. São Paulo: Editora Unesp.
- Dosse, François 2010. *Renascimento do acontecimento*. São Paulo: Editora Unesp.

Nº 2. Esferas Noopolíticas na Análise de Conjuntura

Luis Fernando Ayerbe

- Duroselle, Jean-Baptiste 1998 *Todo imperio perecerá*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica.
- Elias, Norbert e Scotson, John 2000 *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Fallaci, Oriana 2004 *La Fuerza de la Razón*. Buenos Aires: Editorial El Ateneo.
- Freund, Julien 1995 *Sociologia do conflito*. Madrid: Ediciones Ejército.
- Honneth, Axel 2009 *Luta por Reconhecimento*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Le Breton, David 2017a *Desaparecer de Sí*. Madrid: Editorial Siruela.
- _____ 2017b “Relajar el esfuerzo de ser uno mismo es tentador”, Revista Ñ, 17 de maio (https://www.clarin.com/revista-n/ideas/relajar-esfuerzo-mismo-tentador_0_SyTuunXI-.html)
- NSC (National Security Council) 2021 National Strategy for Countering Domestic Terrorism, junho (<https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2021/06/National-Strategy-for-Countering-Domestic-Terrorism.pdf>)
- ONU 2015 Plan de Acción para Prevenir el Extremismo Violento. Informe del Secretario General, 24 de dezembro (<https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N15/456/25/PDF/N1545625.pdf?OpenElement>)
- Perelló, Blanca 2022 El Gran Reemplazo: orígenes, discurso del odio y su impacto en España. 24 de maio (<https://www.newtral.es/gran-reemplazo-espana/20220524/>)

Nº 2. Esferas Noopolíticas na Análise de Conjuntura
Luis Fernando Ayerbe

- Romano, C. 2008 *Lo posible y el acontecimiento*. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2008.
- Ryan, Jason 2011 President Obama Got Egypt Warning in 2010, CIA Official Says. AbcNews, Washington, 03 fevereiro (<http://abcnews.go.com/News/egypt-unrest-president-obama-warning-2010-cia-official/story?id=12835550>)
- Schwab, Klaus; Malleret, Thierry 2020 *Covid-19: El Gran Reinicio*. Genebra: Forum Publications.
- Shachtman, Noah. 2011 Pentagon's Prediction Software Didn't Spot Egypt Unrest. Wired, 11 fevereiro (<http://www.wired.com/dangerroom/2011/02/pentagon-predict-egypt-unrest>)
- Taleb, Nassim 2012 *A lógica do cisne negro*. Rio de Janeiro: Best Seller.
- _____ 2013 *Antifragil*. Buenos Aires: Editorial Paidós.
- USAID 2016 Radicalization Revisited: Jihad 4.0 and CVE Programming, 29 de setembro (https://pdf.usaid.gov/pdf_docs/PA00MFXG.pdf)
- _____ 2020 U.S. Agency for International Development Policy for Countering Violent Extremism Through Development Assistance, abril (<https://www.usaid.gov/sites/default/files/documents/USAID-publication-Policy-for-Countering-Violent-Extremism-through-Development-Assistance-April2020.pdf>)
- U.S.D.S. (U.S. Department of State) 2017 Country Reports on Terrorism 2016, julho (<https://www.state.gov/documents/organization/272488.pdf>)

Vergani et al. 2018 The 3 Ps of radicalisation: push, pull and personal. A systematic scoping review of the scientific evidence about radicalisation into violent extremism (https://www.researchgate.net/publication/326585283_The_3_Ps_of_radicalisation_push_pull_and_personal_A_systematic_scoping_review_of_the_scientific_evidence_about_radicalisation_into_violent_extremism)

Zizek, S. 2014 *Acontecimiento*. México D.F.: Sexto Piso.